
Aprender jornalismo com jornalistas: uma relação crítica com as narrativas da profissão

To study journalism with journalists lives: a critical approach

ALICE MITIKA KOSHIYAMA¹

Resumo: Este trabalho relata parte de uma pesquisa sobre jornalistas e suas histórias de vida. Lançamos a pergunta: Quem são os jornalistas na história e quais são os limites e possibilidades para agir na profissão? Seleccionamos depoimentos de alguns personagens da prática do jornalismo que trabalham no Brasil há mais de 50 anos: Luiz Cláudio Cunha, Jânio de Freitas, Lúcio Flávio Pinto e Elio Gaspari. E estudamos o depoimento de Soledad Gallego-Díaz, jornalista do jornal *El País*, avaliando o jornalismo em 2012. Os textos dos jornalistas são documentos históricos que nos revelam fatos de histórias de vida e suas relações com as conjunturas e estruturas sociais. Em nossa amostra de jornalistas vimos que a complexidade das práticas da profissão, envolve conhecimentos técnicos, opções éticas e perspectiva política no trabalho em jornalismo. Concluimos que os jornalistas pesquisados representam uma parcela dos profissionais defensores do interesse público.

Palavras-chave: Historia de Jornalistas, Jornalismo e Cidadania, Éticas, Brasil, Espanha.

Abstract: This paper discuss the history of some brazilian journalists now and answer the question: Is the Journalism a job for the public interest? The spanish journalist Soledad Gallego Dias analyses the history of the journalism and the ideas about the journalists actions in the democratic countries. The values of journalism are different of the values of the communication. We study the ethic, the expertise and the professional ways of the some brazilian journalists: Luiz Cláudio Cunha, Jânio de Freitas, Lúcio Flávio Pinto and Elio Gaspari. They agree with Soledad Gallego-Díaz: journalists have to make the investigative journalism, to search the best information against the enemies of the democratic society.

Keywords: History of Journalists, Journalism and Citizenship, Ethics , Brazil, Spain

PERSONAGENS E TEXTOS

AS ESCOLHAS dos sujeitos deste estudo foram definidas pela qualificação profissional nos quesitos competência técnica, e opções éticas na profissão, e por terem enfrentado, no trabalho quotidiano, diferentes conjunturas históricas a partir da segunda metade do século XX.

1. Livre-Docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), docente do Curso de Graduação em Jornalismo e do PPGCOM em Ciências da Comunicação. E-mail:almitika@gmail.com .

Reputamos que os profissionais selecionados demonstraram ao longo de suas carreiras ações que podemos apresentar como possibilidades exemplares de trabalho, mantendo os valores a serem preservados e difundidos para a profissão.

Também os escolhemos pela diversidade na forma de trabalhar e por serem, em nossa avaliação, pessoas que souberam preservar os valores do jornalismo, que são diferentes daqueles que pautam a comunicação. Destacamos os documentos que diretamente nos inspiraram a escrever este trabalho:

1 - Luiz Cláudio Cunha. “Todos temos que lembrar”, discurso título de doutor “honoris causa” em jornalismo²

L. C. Cunha. “Generais omitiram até os 22 dias que Dilma Rousseff amargou no DOI CODI”³

2- Élio Gaspari. 9º Congresso da Abraji⁴

3 - Jânio de Freitas. Jornalismo, carreira, vida. Roda Viva/ Tv. Cultura SP , transmitido ao vivo em 06/08/2012⁵

Janio de Freitas, O Mercado de Notícias - Entrevista publicado em 26 de abr de 2014, Íntegra da entrevista para o documentário sobre mídia e democracia, “O Mercado de Notícias”, dirigido por Jorge Furtado.⁶

4 - Lúcio Flávio Pinto.

OInaTv(1/3) - Lucio Flávio e o Jornal Pessoal - 20/12/2011⁷

OInaTv(2/3) - Lucio Flávio e o Jornal Pessoal - 20/12/2011⁸

OInaTv(3/3) - Lucio Flávio e o Jornal Pessoal - 20/12/2011⁹

Para contrapor aos 4 jornalistas brasileiros, escolhemos o texto da jornalista e mestra, a espanhola Soledad Gallego-Díaz, pela maneira como ela integra os conhecimentos do jornalismo como profissão e como ação pela democracia na história e o seu apelo à cidadania dos jornalistas no instigante texto: *Si te van a matar, no te suicides*¹⁰, apresentado na abertura do 26º curso da Escuela de Periodismo EL PAÍS, em 15/03/2012.

Pronunciado para uma platéia, em que também estavam presentes executivos e jornalistas da direção de EL PAÍS, no momento de intensos debates internos sobre os rumos do jornalismo e dos negócios da empresa. E que terminou com a reestruturação da equipe, com cerca de 1/3 dos jornalistas despedidos em outubro de 2012. Cerca de 130 profissionais experientes perderam seus postos, e na avaliação do processo criaram um lugar na internet¹¹ para relatar os acontecimentos e o confronto com a direção do principal executivo da PRISA, jornalista Juan Luis Cebrián.

2. <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5052>

3. <http://jornalja.com.br/generais-omitiram-ate-os-22-dias-que-dilma-rousseff-amargou-no-doi-codi/>

4. <https://www.youtube.com/watch?v=3Z2w0RAug-0&feature=youtu.be>

5. <https://www.youtube.com/watch?v=N0ZJ1ZFRA3Y>

6. www.omercadodenoticias.com.br

7. <http://www.youtube.com/watch?v=JaGyhj0zD30&feature=related>

8. <https://www.youtube.com/watch?v=qzabpLT24uk>

9. <https://www.youtube.com/watch?v=sdlWj7cqdoY>

10. http://elpais.com/elpais/2012/03/15/opinion/1331836802_010235.html

11. <http://elpaiscomite.blogspot.com.br/>

JORNALISMO, INFORMAÇÃO E DEMOCRACIA

Soledad Diaz reconhece: vivemos em um momento revolucionário, com mudanças tecnológicas e profundos desafios para as empresas voltadas para o jornalismo. Os jornalistas devem assumir os aspectos positivos das tecnologias e compreender que temos que atuar em um mundo em transformação, recomenda que há práticas e valores que pertencem ao jornalismo como profissão fundamental para o estado democrático que não podem ser destruídos. Ela lembra: o descrédito sobre o papel da imprensa é acompanhado pelo descrédito à democracia.

A jornalista que foi uma das responsáveis pela criação e consolidação do jornal *El País*, frisou que os jornalistas “De puro medo da morte dos periódicos, os jornalistas terminarão por dar um tiro no jornalismo. Limitar-se a divulgar distintas versões sobre o que aconteceu: é pior maneira de se suicidar. Jornalismo é investigar e buscar a verdade.”¹²

Lembrando que há 26 anos atua em *El País*, Soledad Diaz destacou:

“a mudança no modelo da empresa jornalística que se transformou em empresa de comunicação e se investigarmos, de telecomunicação, e provocou uma alteração no modelo de negócios, e conseqüentemente das formas de trabalhar e destruindo conceitos inamovíveis até então”¹³

Como o jornalismo sobreviverá a essa nova realidade na história? Ela reflete sobre as possibilidades para enfrentar as mudanças, e condena tanto a nostalgia do jornalismo do passado e a passiva aceitação de que a profissão de jornalista está morta. Enfim, não é possível aceitar que tudo é comunicação e ela explica as suas razões.

Resumimos suas proposições:

- a) Uma forma de suicidar-se é acreditar que o jornalismo é “nosso”, de uma geração determinada de jornalistas (...). Essa é uma idéia muito letal e funesta, pois leva a não aceitar mudanças, a negar novas realidades e, sobretudo, impede precisamente o que é mais necessário, o debate aberto entre jornalistas de todas as gerações e de todos os meios, que nos permita recuperar a importância como profissionais.
- b) O problema não é se continuará a haver periódicos em papel ou em meios eletrônicos. O problema é: o que é o jornalismo nesta nova época, como as novas ferramentas o afetam e se essas ferramentas e novos processos podem deteriorar, ou mesmo destruir as regras básicas de nossa profissão.
- c) Outro modo de se suicidar é confundir jornalismo e comunicação. Quanto mais sei do mundo da comunicação, mais exigente eu fico como mundo do jornalismo. Tudo é jornalismo? De imediato que não. Talvez tudo seja comunicação, porém o jornalismo tem regras, normas e objetivos determinados.

Que regras são essas? São as elaboradas por Kovach e Rosenstiel em seu livro “Elementos do jornalismo”:

12. De puro miedo a la muerte de los periódicos, los periodistas terminaremos pegándole un tiro al periodismo. La peor manera de suicidarse es limitarse a vocear distintas versiones. Periodismo es indagar y buscar la verdad.

13. (...) un profundo cambio del modelo de la empresa periodística, que es ya una empresa de comunicación y, si me apuran, de telecomunicación, un cambio del modelo de negocio, y, conseqüentemente, de las formas de trabajar; una revolución, incluso de conceptos que parecían inmovibles y que han saltado por los aires.

“A primeira obrigação de um jornalista é a verdade”. Deve lealdade a todos os cidadãos. Sua essência é a disciplina da verificação. Deve manter a independência em relação àqueles a quem informa. (E também em relação às suas fontes, diria eu). Deve exercer um controle independente do poder.”

d) (...) Gostaria também de lembrar as recomendações de Albert Camus aos jornalistas. Suas regras. Eram estas:

“Identificar o totalitarismo e denunciá-lo. Não mentir e saber confessar o que se ignora. Negar-se a qualquer forma de despotismo, ainda que contingencial.”

Querem nos convencer de que a verdade não existe. Mas claro que ela existe. Não se trata de verdades filosóficas, nem religiosas, nem judiciais, mas apenas a verdade relacionada aos fatos.

É essa verdade que ajuda a sustentação da democracia, porque dá ao cidadão instrumentos para chegar às suas próprias conclusões. E que dá aos cidadãos conhecimentos necessários para serem mais autônomos.

e) Outra maneira de suicidar-nos é se entregar à pressa. Sempre houve pressas neste ofício.(...) Porém, uma coisa é trabalhar com pressa, e outra é suprimir completamente o contexto dos fatos para ganhar tempo.

Um periódico é uma publicação que transmite fatos, contextos, análises e opinião a respeito desses fatos, em um momento concreto. Além disso, gera um espaço público de discussão, de discussão política não de comunicação.

f) O pior modo de se suicidar é deixar de perguntar aos fatos e limitar-se a dar voz a diferentes versões. Isto não é jornalismo. Voltamos à comunicação, que consiste em compartilhar mensagens e não em investigar o que elas dizem de correto.

Jornalismo, insistamos, é investigar fatos, acontecimentos que tenham interesse público e fazê-lo respeitando algumas regras.

O que é de interesse público? .

A definição mais clara que encontrei é a que nos oferece o Código de Prática da “Press Complain Commission” do Reino Unido. Diz ele:

“É de interesse público detectar e expor delitos ou graves transgressões. Detectar ou expor uma séria conduta antisocial. Proteger a segurança e a saúde pública. Evitar que os cidadãos sejam desorientados por declarações ou atos de um indivíduo” (Especialmente se sua conduta contraria aquilo que ele prega.)”

g) (...) Não sabemos nada sobre o futuro. Os jornalistas sabem menos ainda. Limitemos a descrever o que acontece no presente e expliquemos porque acontece.

As utopias regressivas não nos servem. Porém não nos suicidemos com utopias sobre o que virá. A nós o que é nosso. Percamos essa cultura defensiva que nos prende e nos paralisa e comecemos a pensar e a discutir.

O jornalismo serviu à democracia e à sociedade e continua sendo vital para sua sustentação. Principalmente, nessas épocas de incerteza.

Jornalismo continua sendo a investigação dos fatos em busca da verdade. Porém para saber investigar os fatos, para saber perguntar sobre a verdade, falta ter treinamento e ofício. E orgulho e determinação.¹⁴

14. a) Una manera de suicidarse es creer que el periodismo es “nuestro”, de una generación determinada de periodistas. Esa es una idea bastante letal y funesta, porque lleva a no aceptar cambios, a negarse a ver las nuevas realidades y, sobre todo, porque impide precisamente lo que más necesitamos, un debate abierto entre periodistas de todas las generaciones y de todos los distintos medios, que nos permita recuperar influencia como profesionales. b) El problema no es si sigue existiendo el periódico en papel o en la tableta. El problema

JORNALISTAS EM DIÁLOGO

Os jornalistas brasileiros que estudamos também publicam na internet usam às tecnologias digitais para levantar dados, organizar seus trabalhos e manter comunicação com suas fontes e seus leitores, mas não abandonam os princípios do jornalismo, lembrados por Soledad Gallego Díaz. Percebemos que existe da parte deles uma percepção do valor de uso do jornalismo, que transcende a posição de um negócio empresarial. Todos com mais de sessenta anos de idade, reconhecem as injunções econômicas e sociais do mercado, a ideologia que condiciona o trabalho. Mas justamente por terem definições claras do que buscam enquanto e cidadãos, podem avaliar criticamente os seus percursos profissionais ao longo do tempo.

No debate sobre os problemas do jornalismo impresso, houve uma perspectiva de que as dificuldades eram principalmente do jornalismo que se pratica hoje. Os grandes jornais não devem abrir mão do seu dever de selecionar as notícias, narrar os fatos de modo inteligível e interpretar os dados de modo claro e sucinto nas páginas impressas, diz Jânio de Freitas. Criticou a prática de alguns veículos que postam a mensagem para o leitor: buscar na internet o que o impresso não ofereceu. Por que as pessoas iriam comprar um jornal que não lhes oferece uma informação completa? Ele pode sempre procurar detalhes na internet, não o principal. O jornal impresso comete suicídio ao procurar imitar a internet, a qual não deve ser vista nem como concorrente, muito

es: qué es el periodismo en esta nueva época, cómo le afectan esas nuevas herramientas y si esas herramientas y nuevos procesos pueden deteriorar, o romper incluso, las reglas básicas de nuestra profesión. c) Otro modo de suicidarse es confundir periodismo y comunicación. Cuanto más sé del mundo de la comunicación, más exigente me vuelvo con el mundo del periodismo. ¿Todo es periodismo? Desde luego que no. Quizás todo es comunicación, pero el periodismo tiene reglas, normas y objetivos determinados. ¿Qué reglas son esas? Las que elaboraron Kovach y Rosenstiel en su libro "Elementos del periodismo" "La primera obligación de un periodista es la verdad. Debe lealtad ante todo a los ciudadanos. Su esencia es la disciplina de la verificación. Debe mantener la independencia con respecto a aquellos a quienes informa. (Y con respecto a sus fuentes, diría yo). Debe ejercer un control independiente del poder..." d) (...) Me gustaría también recordar las recomendaciones de Albert Camus a los periodistas. Sus reglas. Eran estas: "Reconocer el totalitarismo y denunciarlo. No mentir y saber confesar lo que se ignora. Negarse a cualquier clase de despotismo, incluso provisional". Quieren convencernos de que no existe la verdad. Pero existe, claro que existe. No se trata de verdades filosóficas, ni religiosas, ni judiciales, sino de la verdad relacionada con los hechos. Es esa verdad la que ayuda al sostenimiento de la democracia, porque le da al ciudadano instrumentos para llegar a sus propias conclusiones. Que les proporciona conocimientos necesarios para ser más autónomos. e) Otra manera de suicidarnos es rendirse a la prisa. Siempre ha habido prisas en este oficio. (...) Pero una cosa es trabajar con prisas y otra, suprimir completamente el contexto de los hechos para ganar tiempo. Un periódico es una publicación que transmite hechos, contextos, análisis y opinión al respecto de esos hechos en un momento concreto. Además genera un espacio público de discusión, de discusión política, no de comunicación. f) La peor manera de suicidarse es dejar de indagar los hechos y limitarse a vocear las distintas versiones. Eso no es periodismo. Volvemos a la comunicación, que consiste en compartir mensajes, y no en averiguar qué tienen de cierto. Periodismo, insistamos, es indagar en hechos, acontecimientos que tienen interés público y hacerlo respetando unas reglas. ¿Qué es de interés público?, La definición más clara que he encontrado es la que proporciona el Código de Práctica de la Press Complaint Commission, del Reino Unido. Dice así: "Es de interés público detectar y exponer delitos o graves fechorías. Detectar o exponer una seria conducta antisocial. Proteger la seguridad y la salud pública. Evitar que los ciudadanos sean confundidos por declaraciones o hechos de un individuo". (Especialmente si su conducta no se ajusta a lo que predica) g) (...) Nadie sabe nada del futuro. Los periodistas, menos que nadie. Limitemos a describir lo que pasa en el presente y expliquemos por qué pasa. Las utopías regresivas no sirven de nada. Pero tampoco nos suicidemos con utopías venideras. Nosotros, a lo nuestro. Perdamos esta especie de cultura defensiva que nos atenaza y nos paraliza y empecemos a pensar y a discutir. El periodismo ha servido a la democracia y a la sociedad y sigue siendo vital para su sostenimiento. Sobre todo en estas épocas de incertidumbre. Periodismo sigue siendo la indagación de los hechos en busca de la verdad. Pero para saber indagar en los hechos, para saber preguntar por la verdad, hace falta tener entrenamiento y oficio. Y orgullo y determinación.

menos como modelo. Jânio de Freitas e afirma: Jornalistas têm que estudar, e olhar o jornalismo que se pratica, estudar jornalismo e ler e criticar o seu próprio jornal.¹⁵ Outro ensinamento dele é sobre a importância das fontes de informação, que podem trazer dados exclusivos e confidenciais, na medida em que o jornalista souber respeitá-las e houver um pacto de confiança mútua. Destaca que o êxito em seu trabalho de colunista de um jornal como a Folha de S. Paulo deve-se à confiança de leitores, e vários deles enviavam informações exclusivas por saber que ele iria publicá-las, mas teria sempre o cuidado de preservar o sigilo da fonte. “A chave é a fonte, não o jornalista.” afirma Jânio de Freitas,¹⁶. O que exige dos jornalistas o trabalho de constante verificação dos dados e de fazer o confronto entre as informações que recebem e saber filtrar os interesses que as acompanham. Antes de 1964 havia a partidização da imprensa, mas o leitor sabia quais eram as preferências de cada jornal. Durante a ditadura, nos anos de maior repressão, Jânio de Freitas trabalhou em outro setor, para voltar ao jornalismo nos anos oitenta. Hoje nota a falta rigor na apuração de vários fatos fartamente divulgados e as redações precárias desses trabalhos. Também observa atos irresponsáveis de jornalistas, que divulgam fatos e não medem as consequências da publicação da notícia, verdadeira ou não, para os envolvidos. Até em casos sem interesse público acontecem atentados à privacidade das pessoas.

O jornalista Lúcio Flávio Pinto também elabora a importância de respeitar as fontes de informação e lembra que só pode desenvolver seu trabalho pela relação de confiança construída ao longo de sua vida profissional com suas fontes e seus leitores. Relata situações em que teve acesso a dados com exclusividade porque repórteres de jornais locais recusaram a publicar as informações, como em um caso envolvendo a Polícia Federal e a repressão ao narcotráfico, em que ele foi o único que entrevistou um delegado porque os outros jornalistas presentes foram embora. Reconhece que alguns assuntos e pessoas são censuradas no noticiário, mas nem sempre é a empresa ou o patrão quem manda censurar. Jornalistas também praticam a autocensura.

Lúcio Flávio Pinto é radical, defende o princípio ético da busca da verdade dos fatos. É o único repórter, redator, editor de sua publicação do seu pequeno quinzenário, o *Jornal Pessoal*, do Pará, publicado em papel A-4 e impresso em off-set. Lúcio Flávio Pinto, sociólogo paraense que se transformou no mais importante jornalista da Amazônia, um exemplo de luta diante do arbítrio e da truculência da grande imprensa da região. Lúcio Flávio foi agraciado em 2005 com o *International Press Freedom* pelas denúncias que faz em defesa da Amazônia e dos Direitos Humanos. A credibilidade é o seu maior capital e relata as tentativas feitas por interessados em comprar sua opinião, em troca de anúncios, contribuições financeiras ocasionais ou permanentes. As formas de pressão para fazê-lo desistir vão dos atos de violência física, de ameaças de morte e dos inúmeros processos abertos na Justiça que tomam tempo e dinheiro, embora ele nunca tenha tido informação desmentida pelos desafetos. Para ele o jornal impresso é o documento que tem mais condições de permanência e confiabilidade, ele mantém a publicação na internet, mas com atraso em relação ao jornal que circula, vendido em bancas e para

15. <https://www.youtube.com/watch?v=N0ZJ1ZFRA3Y>

16. www.omercadodenoticias.com.br

assinantes. Relata casos em que destaca a importância de estudar o lugar, o ambiente, as pessoas, os interesses concretos que as motivam, para elaborar suas pautas e executar investigações que resultam em matérias de interesse público, o que faz mesmo que isso desagrade um suposto amigo. Ele explica que trabalhou 18 anos em *O Estado de S. Paulo*, conheceu a profissão como repórter e fez muitas viagens custeadas pela empresa. Ao sair de lá, aplicou o dinheiro das indenizações trabalhistas para fazer o seu *Jornal Pessoal* e decidiu viver modestamente para ter a liberdade de publicar de forma independente. Conhecer o contexto dos fatos é que permite desvendá-los, por isso sempre estuda os temas que se tornarão notícias.

Saber fazer perguntas e registrar as respostas, avaliá-las e continuar formulando novas perguntas e cuidar de fixar o que se descobre, é a síntese das idéias do jornalista Luiz Cláudio Cunha, apresentadas no seu resumo crítico da história do jornalismo ao receber o título de “doutor honoris causa” em Jornalismo pela UNB. E destaca que o trabalho para os jornalistas brasileiros hoje é fazer perguntas em busca de respostas para temas e problemas da sociedade é. Tendo como cenário os fatos não esclarecidos que ocorreram na ditadura brasileira dos anos 60 e 70 no Brasil, o jornalista julga, em 2011:

Os atuais comandantes militares brasileiros foram cínicos nas críticas que fizeram ao projeto do próprio Governo sobre a Comissão Nacional da Verdade, destinada a investigar violações da ditadura aos direitos humanos. Falando em nome do Exército, Marinha e Aeronáutica, no documento revelado pelo jornal O Globo em março passado, os oficiais-generais escrevem: “Passaram-se quase 30 anos do fim do governo chamado militar...”.

Só um raciocínio de má-fé explícita impede que se identifique o finado regime de 64 pela palavra que o define com precisão: uma ditadura, nascida do golpe que derrubou o presidente constitucional, trocado pelo rodízio no poder de cinco generais, com atos de força que esmagavam a Constituição, apoiados num dispositivo repressivo que prendia, torturava e matava, julgando civis em tribunais militares, sufocando a política, impondo censura, decretando cassação e forçando o exílio.

Pergunto: Os militares fizeram tudo aquilo e ainda duvidam do que fizeram? Afinal, querem que chamem tudo aquilo do quê?

Lamento que quase ninguém, na imprensa ou no Parlamento, tenha repudiado este desrespeito oficial para com a história recente do país.

É justo lembrar que, nesse pedaço feio da história, os militares não estavam sós.

Tinham ao seu lado toda a grande imprensa brasileira, não apenas nos editoriais raivosos, mas na conspiração científica que mobilizou o empresariado nacional nos três anos que antecederam o golpe – como revelou em 1981 o historiador e cientista político uruguaio René Armand Dreifuss (1945-2003), professor da Universidade Federal Fluminense, em seu clássico 1964: *A conquista do Estado*.¹⁷

Coerente com suas posições éticas e políticas, Luiz Cláudio Cunha chegou a participar da Comissão Nacional da Verdade, mas saiu por divergências operacionais. Escreveu uma reportagem que historia a ação da repressão política na ditadura, a

17. <http://jornalja.com.br/generais-omitiram-ate-os-22-dias-que-dilma-rousseff-amargou-no-doi-codi/>

partir de documentos que corroboram a existência de fatos negados pelas autoridades militares. A resposta genérica dos comandantes foi contraposta aos documentos levantados junto aos órgãos de repressão. Inicialmente, surgiu em um jornal impresso com o título original: “Afiml, quem mente? Dilma ou os generais? no jornal *JÁ* (Porto Alegre, RS), 31/07/2014; O texto foi veiculado depois no Observatório da Imprensa, em 05/08/2014, mas não repercutiu em outros órgãos de informação, na área de reportagens. Este trabalho é repleto de dados, mas há uma posição editorial do seu autor sobre o que foi apurado, conforme vemos nos recortes da matéria:

Para atender a um minucioso requerimento de 115 páginas enviado em 18 de fevereiro passado pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), as Forças Armadas (FFAA) reuniram suas tropas para produzir um monumento à insensatez e ao deboche: um palavroso, maçante, insolente, imprestável conjunto de 455 páginas de relatórios militares que não relatam, de sindicâncias que não investigam, de perguntas não respondidas, de respostas não perguntadas e de conclusões nada conclusivas, camufladas em um cipóal de decretos, leis, portarias, ofícios e velhos recortes de jornais falecidos.

Um histórico fiasco que passou em branco pela indolente imprensa brasileira, confinada a um registro burocrático, preguiçoso, sobre o sonso documento de resposta das FFAA.

A maçaroca militar ignorada pelos jornalistas tem de tudo. Tudo para defender o indefensável, para sustentar o insustentável, para dizer o indizível na novilíngua dos generais: nunca houve tortura, nunca aconteceu nenhuma grave violação aos direitos humanos nos quartéis nos 21 anos do regime militar imposto em 1964 pelas Forças Armadas que derrubaram o presidente João Goulart.

A sindicância das FFAA lembra, mais pela tragédia do que pela piada, a histórica charge do humorista e jornalista Millôr Fernandes (1923-2012) na edição de maio de 1974 da revista *Veja*, que mostra um preso esqualido pendurado na parede de uma masmorra.

Da fresta na porta da cela surge o comentário consolador do carcereiro: “Nada consta”. Por causa da piada, a ditadura sem graça dos generais endureceu ainda mais a censura sobre a revista então dirigida por Mino Carta. Em resumo, é a pilhéria que repetem exatos 40 anos depois os militares brasileiros, diante das indagações da CNV sobre tortura e morte em seus quartéis: “Nada consta”.

Para expor esta cômica contradição em termos, que põe em dúvida até a existência da ditadura, os generais brasileiros recorreram a um arsenal de papel concentrado em 268 páginas do relatório da Marinha, 145 da Aeronáutica e 42 do Exército, um conjunto sem serventia que a Comissão Nacional da Verdade fuzilou sem dó nem piedade.

Durante meses, os pesquisadores da CNV, auxiliados por especialistas da Universidade de São Paulo (USP), juntaram documentos, testemunhos e perícias para montar um consistente relatório que prova a ocorrência de graves violações aos direitos humanos nos sete endereços mais notórios da repressão coordenada pelos militares, situados no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco.

No início de 1970, naquele lugar listado pela CNV, padeceu durante 22 dias de suplício uma estudante mineira de 22 anos, integrante dos quadros de comando do grupo guerrilheiro Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares (VAR-Palmares), onde era conhecida pelos

codinomes de 'Estela' ou 'Vanda'. Na ficha da polícia, ela era identificada como Dilma Vana Rousseff, ou Linhares, seu nome de casada. Passadas quatro décadas, a guerrilheira, presa e martirizada 'Estela' tornou-se a presidente da República Dilma Rousseff. Foi investida assim, pela força da democracia, na condição de Comandante-Suprema das Forças Armadas. A torturada Dilma é, desde 2011, a chefe incontestável dos comandantes militares que hoje negam a tortura. Cria-se, assim, uma insuperável contradição ética e institucional entre a autoridade máxima do País e seus comandados de farda:

Quem está dizendo a verdade? A presidente da República ou os comandantes das FFAA? Ou, dito de outra forma, quem está mentindo? Dilma ou os generais?¹⁸

O jornalista Luiz Cláudio Cunha protesta reportando, opinando, mostrando como deve ser o trabalho dos jornalistas e não se furtou em chamar a imprensa brasileira de "indolente", "burocrática", "preguiçosa". Seu trabalho, impresso em um jornal alternativo de Porto Alegre que tirava cerca de 2.000 exemplares passaria despercebido para a maioria dos brasileiros. Mas foi marcante pelo levantamento de dados e pelo questionamento da despolitização do tema e pelo exemplo de como podemos ligar os fatos da história com a prática do jornalismo.

Nenhuma faculdade consegue formar jornalistas prontos. É preciso manter a corrente de experiências entre os que vivenciaram o jornalismo em outros tempos e os novos que estão chegando na profissão. E mostrar o que pode ser feito hoje ainda que as condições sejam difíceis, mas não incontornáveis é o que anima jornalistas experientes. A universidade pode preparar estudantes para iniciar a prática nas redações, sob condições reais de produção. A formação profissional é contínua, lembra Jânio de Freitas: "Jornalistas tem que estudar sempre, olhar o jornalismo que se pratica, estudar jornalismo e ler e criticar o seu próprio jornal."

A aprendizagem na iniciação ao trabalho com os mais experientes é lembrada por Elio Gaspari que, em suas memórias. Expulso da universidade -- foi desligado da UFRJ pela participação no movimento estudantil pós-golpe de 64 -- , voltou-se para o trabalho. Ele lembrou que seus chefes o formaram. Como Luiz Paulo Gazzaneo, e Novos Rumos, jornal do PCB, uma redação pequena conduzida com muito afeto. E Ibraim Sued, com quem trabalhou na coleta de dados para a coluna social dele, observador atento dos erros, organizador do trabalho e um homem educado com todos. Seus anos de formação o ensinaram trabalhar com as fontes, conforme a importância que elas davam à informação e ao tratamento oferecido aos seus entrevistadores, o qual podia ser uma interlocução respeitosa ou chegar ao total desprezo à inteligência. Ele aprendeu fazer o trabalho, saber ouvir, saber perguntar, pesquisar dados com quem sabe, valorizar os colegas que podem agregar dados novos. A informação e os contatos feitos na prática do jornalismo e seu interesse pela história o tornaram um dos autores importantes sobre a história da ditadura no Brasil, a partir do golpe de 1964, com a publicação de 4 volumes sobre a história da ditadura na perspectiva dos governantes militares. Lembra importância de organizar informações em arquivos específicos para os jornalistas.

18. <http://jornalja.com.br/generais-omitiram-ate-os-22-dias-que-dilma-rousseff-amargou-no-doi-codi/>

A INFORMAÇÃO CONTRA O MEDO

As observações sobre parte das histórias de vida, das obras e das idéias dos jornalistas que examinamos mostram que, de alguma forma, todos defendem o interesse público tal como definiu Soledad Gallego Díaz em seu texto. Que esta não é uma profissão para cínicos, diz ela, citando Kapuzcinski.

Ela comenta o documento publicado pelos jornalistas guatemaltecos, talvez um dos mais ameaçados no mundo:

“Nada diz que foi fácil para os jornalistas perder o medo diante dos poderosos. Mas, para que serve o jornalismo, se não é para que o resto da sociedade tenha a informação para enfrentar esses medos?”

É importante para a sociedade o trabalho com jornalismo investigativo. Exige contexto, credibilidade, testemunho, verificação. Todas essas técnicas exigem um certo tempo e em nenhuma circunstância devemos abandoná-las. Devemos ter clareza sobre este ponto. Se as abandonamos, nos suicidamos.¹⁹

REFERÊNCIAS

- Comité El País (2012). Sítio organizado pelos jornalistas despedidos de El País. Comité El País, <http://elpaiscomite.blogspot.com.br/> . Última consulta em 20/03/2015.
- CUNHA, Luiz Cláudio. (2011) “Todos temos que lembrar”, discurso título de doutor “honoris causa” em jornalismo, in: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5052> . Última consulta em 15/03/2015.
- _____. (2014). “Generais omitiram até os 22 dias que Dilma Rousseff amargou no DOI CODI.”. <http://jornalja.com.br/generais-omitiram-ate-os-22-dias-que-dilma-rousseff-amargou-no-doi-codi/> , no jornal JÁ (Porto Alegre, RS), 31/07/2014. Veiculado no Observatório da Imprensa, em 05/08/2014, http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/_ed810_quem_mente_a_presidente_ou_os_generais . Última consulta em 15/03/2015.
- FREITAS, Jânio de. (2012) Jornalismo, carreira, vida. Roda Viva/ Tv. Cultura SP , transmitido ao vivo em 06/08/2012 <https://www.youtube.com/watch?v=NoZJ1ZFRA3Y> . Consulta em 26/02/2015.
- _____. (2014). O Mercado de Notícias - Entrevista publicada em 26/04/2014. <https://www.youtube.com/watch?v=Qy5ek6Z9Q2I>
- Íntegra da entrevista para o documentário sobre mídia e democracia, “O Mercado de Notícias”, dirigido por Jorge Furtado. www.omercadodenoticias.com.br . Consulta em 20/03/2015
- GASPARI, Elio. (2014). 9º Congresso da ABRAJI, publicado em 05/08/2014, em <https://www.youtube.com/watch?v=3Z2woRAug-o&feature=youtu.be> . Última consulta em 03/03/2015.

19. “Nadie dijo que fuera fácil para los periodistas perder el miedo ante los poderosos. Pero, ¿para que sirve el periodismo, si no es para que el resto de la sociedad tenga información con la que enfrentar esos miedos?”. El periodismo de indagación sigue siendo un trabajo importante para la sociedad. Exige contexto, credibilidad, testimonio, verificación. Todas esas técnicas exigen un cierto tiempo y no deben abandonarse por ninguna circunstancia. Eso es algo que debemos tener claro. Si lo abandonamos, nos suicidamos.

- GALLEGO-DÍAZ, Soledad. (2012). "Si te van a matar, no te suicides", apresentado na abertura do 26º curso da Escuela de Periodismo EL PAÍS, em 15/03/2012 http://elpais.com/elpais/2012/03/15/opinion/1331836802_010235.html. Última consulta em 20/03/2015.
- PINTO, Lúcio Flávio. (2011) OInaTv (1/3) - Lucio Flávio e o Jornal Pessoal - 20/12/2011 <http://www.youtube.com/watch?v=JaGyhjozD30&feature=related>
- OInaTv (2/3) - Lucio Flávio e o Jornal Pessoal - 20/12/2011. <https://www.youtube.com/watch?v=qzabpLT24uk>
- OInaTv (3/3) - Lucio Flávio e o Jornal Pessoal - 20/12/2011. <https://www.youtube.com/watch?v=sdlWj7cqdoY>. Última consulta em 15/03/2015.